

A PALAVRA É SUA

A DANÇA NO CONTEXTO DA SOCIEDADE E DA ESCOLA

Brandão(1) subordina o conceito de cultura aos conceitos de :

trabalho, como modo humano de ação; consciente sobre o mundo; história, como campo de realização e produto do trabalho do homem; dialética, como a qualidade constitutiva das relações entre o homem e a natureza e dos homens entre si, através de cujo movimento o ser humano cria a cultura e faz a história.

Dentro desta conceituação, vê-se incluída a arte, considerada por Fischer (3) como "uma forma de trabalho" e o que deve ser ressaltado é o direcionamento que esta conceituação dá à arte de ter uma função social.

Na sua luta pela sobrevivência, o homem sentiu necessidade de se agrupar, unindo forças para desta forma poder resistir à força maior - a Natureza. No grupo, a necessidade de se comunicar faz surgir a linguagem que, por sua vez, é possível ao homem por causa da sua faculdade de pensar, de refletir, portanto, de tomar consciência de fatos e objetos. Cada grupo organizou-se então de forma peculiar; em consequência, as maneiras de sentir, pensar e agir em face à realidade também serão peculiares a cada grupo. Isto corresponde a dizer que cada grupo cria a sua própria cultura. Desde o nascimento, o homem recebe as influências dessa cultura, ou seja, do modo como a sua cultura interpreta esse real. Considerada uma das manifestações mais antigas que se pode ter conhecimento, a arte faz parte da vida do homem desde os primórdios da civilização, desde as cavernas, como já foi constatado através de afrescos encontrados. Mas seria a arte uma linguagem?

A linguagem é o produto da convenção de símbolos que, através da consciência reflexiva, o homem utiliza para se relacionar com o mundo. De acordo com Duarte(2) a arte não se constitui numa linguagem "porque suas formas não podem ser consideradas símbolos como são as palavras", "as palavras são um meio para a comunicação de conceitos". "O artista não diz (um significado conceitual), o artista mostra (os sentimentos através de formas harmônicas)" é como se as palavras com seus conceitos não conseguissem a intensidade dos sentimentos. Contudo, ressalta o autor que as artes que se utilizam da palavra, como a poesia e literatura, procuram explorar ao máximo a expressão "distanciando-se de simples transmissão de conceitos".

Segundo Lukács(7):

o objeto do trabalho artístico não é o conceito em si, não é o conceito em sua pura e imediata verdade objetiva, mas o modo pelo qual ele se torna fator concreto da vida em situações concretas de homens concretos, pelo qual ele se torna parte dos esforços e lutas, das vitórias e das derrotas, das alegrias e das tristezas, como meio importante para tornar sensível o específico caráter humano, a particularidade típica de homens e situações humanas.

Nas sociedades primitivas, cuja característica era de uma coletividade fechada, a arte aparecia como uma produção coletiva, sendo que as primeiras manifestações individuais devem-se aos "feiticeiros"(3).

A dança, enquanto manifestação artística, não poderia ter surgido de forma diferente e, assim como as artes

em geral, "nunca perdeu inteiramente esse caráter coletivo, mesmo muito depois da quebra da comunidade primitiva e da sua substituição por uma sociedade dividida em classes".

Os homens dançavam em comemorações religiosas, de magia, enfim, "dançaram todos os momentos solenes de sua existência". É a representação da realidade.

A história da evolução da sociedade explica a evolução das artes e sua função social. A dança atravessa nesta evolução vários momentos de opressão, em razão de ser o corpo seu instrumento de manifestação e, ao mesmo tempo, reflexo da estrutura social.

O homem, cuja tendência a sociedade fomenta através de seus valores, com suas práticas racionais excessivas, tende a racionalizar movimentos que são retirados do local aonde ocorrem em quanto fenômeno. E para que? Para obter um melhor rendimento, produção, através de técnicas que poderão ajudá-lo a superar seu desempenho. O corpo que produz o movimento é utilizado como objeto, manipulado em função de idéias que efetivamente prometem um homem melhor, mais preparado para vencer. Mas essa visão é uma visão comportamentalista, fracionada, que tende aos interesses de uma ideologia capitalista que precisa ter o homem fragmentado do social, individualista, para que não una forças de questionamento sobre o porquê da exploração da sua força produtiva.

Para Marx (apud Konder), "divisão do trabalho e propriedade privada" são sinônimos, porquanto a primeira diz respeito à exploração do trabalho escravo e a segunda, ao produto desse trabalho.

Em dança, principalmente quando da elaboração do trabalho coreográfico, o aluno se aliena, como o trabalhador se aliena porque este, até mesmo antes de ser criado pertence a outro - o professor. A coreografia, quando elaborada somente pelo professor, é um produto feito para alienar, sem que o aluno se sinta capaz de realizá-la, porque desconhece os métodos. E cada vez mais o aluno se torna dependente do professor para a realização do seu trabalho, ao invés de libertar-se, subjuga-se.

O importante não é tanto a produ-

ção coreográfica realizada pelos alunos, mas sim como, em condições eles a produziram - foi resultado de um processo de estudos, pesquisas? - foi um trabalho de criação coletiva (alunos e professores)? - foi através da seleção de elementos mais habilidosos? Isto é pedagogicamente mais importante do que a coreografia propriamente dita, embora não se descarte seu valor. Aluno e professores experimentam o poder de saber fazer que, para Brandão (1985) está contido no imaginário da educação popular: "experimentar o poder de criar tal experiência de que o saber é um produto".

Caso contrário, está instituído na sala de aula a divisão de classe: o professor tem a autoridade, o poder - o poder do saber, que o aluno percebe que foi adquirido através dos anos e que não pode ser compartilhado com o mesmo grau de consciência dos interesses e idéias (monopólio do poder); o aluno reproduz a maneira criativa que o professor elaborou a aula, geralmente sem nenhuma reflexão sobre a ação.

A posição do professor em relação à classe dos alunos é prestigiosa e geralmente lhe dá um aval para manipular as idéias, tanto quanto alienante for o seu método de trabalho. E, embora a atividade de dança possa ser aparentemente abstrata, por vezes, este conjunto de abstrações não é recebido pelo receptor de maneira totalmente abstrata, posto que se estabelecem relações sociais que podem conter idéias alienadoras.

Tem-se então a dança como uma atividade exclusiva ou própria do "especialista", aonde cabe ao professor ensinar o método de se dançar. O homem, que nos primórdios dançava apenas para festejar, adorar, hoje dança apenas quando lhe é "permitido" socialmente. Ele tem que reaprender a dançar e muitos têm dificuldade em função de um preconceito que nada mais é do que um condicionamento cultural.

A cultura valoriza hábitos, costumes que, na maioria das vezes se constituem em princípios, regras para a sociedade, e de onde acham distanciamentos sociais de grupos que não observam

a mesma conduta. E é assim que, através da divulgação de determinados gestos ' ou danças pelos meios de comunicação, servem para unir ou separar grupos. E o adolescente, principalmente, visando à aceitação, imita para ser aceito no ' grupo.

Nos dias de hoje, pode-se observar o aumento considerável do interesse pela prática de atividades físicas, e em especial à dança. Sabe-se que os meios de comunicação contribuem para o crescente aumento desse interesse. Se por um lado beneficiou divulgando a atividade, o que é indiscutível, por outro prejudicou, na medida em que traz consigo toda uma carga de concepções de padrões estético-culturais com características colonizadoras, num verdadeiro trabalho de esvaziamento da identidade cultural, social e pessoal do indivíduo.

Os modismos amplamente veiculados pelos meios de comunicação de massas, atingem a toda sorte de comportamentos desde a maneira de vestir-se, à de andar, correr, dançar, interferindo muitas vezes de maneira brusca, tornando-se o jovem uma presa fácil da ideologia do consumismo. Uma vez uniformizado seu comportamento, maiores as chances de aceitação social, tem-se o indivíduo ' ajustado socialmente, mas às custas de uma alienante realização que é a disciplina do corpo social e político. Quanto mais a juventude estiver ajustada, mais o seu corpo social e político estará adestrado.

A dança, como mera reprodutora de modismos, ou como adestradora do "corpo físico" (na tentativa de dicotomizar corpo e mente, mas se percebe que a mente ou espírito também é adestrado) age como instrumento de alienação. Mantém ' o corpo enquadrado nos mais perfeitos padrões de estética e disciplina, e professores e alunos não questionam sua ' significação.

Preparar o homem para a vida na sociedade, para que tenha condições de enfrentar as transformações que nela se sucedem, parece óbvio. No entanto, este preparo não deve ser condicionador do modo de vida de uma sociedade calcada ' em valores dominadores e colonizadores. É bem verdade que lutar contra os meios de comunicação é uma batalha perdida.

As imagens e códigos veiculados com interesse de colonizar, disciplinar, ordenar comportamentos é imensa. Porém, se este preparo for no sentido de conscientização da realidade e de preparação para encontrarmos soluções que sejam ' nossas, calcadas na nossa realidade social, aí sim, estaremos trabalhando no sentido de uma formação da personalidade de com valores que possibilitem o indivíduo a realizar-se, encontrando sua ' identidade social.

Por outro lado, o jovem de hoje deve estar capacitado intelectualmente ' para que tenha condições de enfrentar crises sociais. E esta capacitação intelectual não deve ficar somente no domínio teórico ou eloquente, mas sim num ativo engajamento com a prática, a fim de que possa exercer a ação política ' na plenitude de sua consciência.

A escola criadora, para Gramsci (5) deve permitir a democratização do método, aonde não só o professor a possui, numa atitude de poder. Criação é também domínio do método, e a busca das verdades levam à independência, à "maturidade intelectual". É a busca do real que o ensino da dança deve preocupar-se, caso contrário, incorrerá no grave erro de trabalhar para a alienação.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BRANDÃO, C.R. A educação como cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985.
2. DUARTE JR, J.F. Porque arte-educação? Campinas: Papirus, 2ª ed. 1985.
3. FISCHER, E. A necessidade da arte. Trad. Leandro Konder. 5ª ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1976.
4. GARAUDY, R. Dançar a vida. Trad. Glória Marioni e Antônio G. Filho. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1980.
5. GRAMSCI, A. Os intelectuais e a organização da cultura. Trad. Carlos N. Coutinho. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1982.
6. KONDER, L. O que é dialético. 8ª ed. Brasiliense, São Paulo, 1984.
7. LUKÁCS, G. Introdução a uma estética marxista. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1978.